

**Sobre a arbitrariedade do Signo, a estratégia da iconicidade e sobre significante e significado.**

Ferdinand de Saussure

A partir da virada do Século XX, as abordagens teóricas e os dados empíricos sobre a evolução das línguas faladas foram dominadas pelas observações Saussureanas de que **as formas das palavras nada tem a ver com seus significados**. Por exemplo, não parece haver relação entre os sons da palavra em português [kãma] e o significado do objeto “cama”. Eles são associados no nosso cérebro, mas um não retrata o outro a não ser pela associação arbitrária convencionada entre os falantes do português. Quando ouvimos *cama* pela primeira vez, o som dos fonemas ou a imagem acústica da palavra (significante) não nos leva a entender o conceito cama (significado). Isto quer dizer que a ligação entre os dois é arbitrária, ou seja foi decidida por alguém e passada assim para as outras pessoas. Este fato, tão coerente e simples, foi primeiro observado por Saussure. Mas afinal quem era Saussure, que soube organizar o pensamento fundamental sobre o significante e o significado?

Ferdinand de Saussure era um Suíço, nascido em Genebra, em 26 de novembro de 1857. Nasceu em um lar com dinheiro e conforto, filho de um eminente naturalista, alguém naquela época que estudava biologia, química e física e que se interessava pelas ciências naturais. A mãe de Ferdinand era a Condessa Louise de Pourtalès (1837–1906), oriunda de uma família de banqueiros protestantes imensamente rica pertencente à aristocracia européia, parcialmente real. Durante as muitas viagens da família a outros países, Saussure foi introduzido às línguas de outros povos e se tornou um autodidata nos estudos da comparação linguística. Saussure também estudou Biologia, Física e Química como o pai, mas gostou mesmo de estudar sozinho a gramática grega e latina. Em 1874, começou também a estudar o sânscrito. Por fim, apesar de ter formação de naturalista, convenceu-se de que sua carreira profissional seria dedicada aos estudos da linguagem.

Ingressou em 1876 na Sociedade Linguística em Paris e estudou línguas europeias na Universidade de Lípsia. Depois transferiu-se à Universidade de Berlim. Aos vinte e um anos publicou uma dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias (em francês: *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, de 1879), a qual foi muito bem aceita. Defendeu sua tese sobre o uso do caso genitivo em sânscrito, em Berlim, e foi convidado a ensinar sânscrito, gótico, alto-alemão e depois Filologia Indo-Europeia na escola de Altos Estudos de Paris. Ficou na França por muitos anos. Porém, naquele grande centro de excelência acadêmica, Saussure não conseguiu ser promovido a ocupar a posição de Professor Titular, que é o topo da carreira universitária. Com isso, quando o convite foi feito para ele ser Professor Titular em sua terra natal, ele não hesitou em voltar para Suíça, para a Universidade de Genebra, onde ensinou por três anos antes de falecer em 1913, aos 56 anos.

Durante os três anos que ensinou em Genebra, Saussure rompeu com a prática da comparação filológica que vinha fazendo por toda a vida e apresentou para seus alunos uma digestão inspirada e muito libertadora sobre a cognição de linguagem. “A linguística não deve ser o estudo da boa forma idealizada, mas sim o estudo da língua verdadeira, espontânea, que está depositada na mente humana”. Estas são palavras revolucionárias para uma era em que a linguagem era vista apenas como o meio de expressão da arte e da boa forma. Saussure dá lugar de visibilidade à fala espontânea.

Saussure começa a apresentar um raciocínio lógico sobre como as palavras se formam e como elas são usadas cotidianamente em uma comunidade linguística. A partir daí, com seus alunos na Suíça ele observa que há dicotomias naturais no campo da linguagem e passa a descrevê-las. Veremos duas aqui: significante X significado e iconicidade X arbitrariedade.

Saussure introduziu o conceito do ponto objeto, ou seja, a palavra linguística não é um objeto comum, ela é dialética e tem sempre dois lados: forma.significado. A palavra (signo linguístico) tem necessariamente uma face que é sua forma ou significante, que se organiza em uma dada sequência de fonemas [k] [ã] [m] [a]; mas tem também o conteúdo ou significado, *lugar onde se pode esticar o corpo para dormir e descansar*. Para Saussure, o mais importante desta observação foi ver que a relação entre o significante e o significado é arbitrária para os falantes da língua. Existe um grau de iconicidade (que contrasta com a arbitrariedade) para quem cria a palavra pela primeira vez. Ao darmos o nome a alguma coisa sempre procuramos fazer isso com uma motivação e por isso o grau de iconicidade aumenta muito no ato de nomear. Mas depois do momento inicial, a palavra ganha o cérebro e a boca de outras pessoas e o trajeto da palavra é quase que na totalidade

arbitrário. Mas há exceções: as onomatopeias, palavras que tentam ser o que significam. Por exemplo, au-au designa cachorro e é ao mesmo tempo um som que o cachorro sempre produz. Contudo tem um grau de arbitrariedade até mesmo na iconicidade. Por exemplo, apesar de os cachorros latirem sempre igual em qualquer sociedade, cada comunidade percebe os sons dos latidos de forma diferente, ou pelo menos transcreve para suas línguas esses sons de forma arbitrária. Na França au-au é ouaf ouaf, ouah ouah, or wouf wouf. Em Espanhol fala-se guau guau, mas em Espanhol Catalão é bup bup. Na Holanda é waf waf, na Dinamarca é vuf vuf, na Grécia, ghav ghav, na Itália, bau bau, na Polônia é vau vau e na Rússia tyaf tyaf. Isso para não falar de latidos asiáticos: meong-meong em coreano e wan wan em mandarim! De cara, o fato de que outras línguas têm formas diferentes para o mesmo conceito onomatopeico demonstra que não existe onomatopeia perfeita. Na relação entre significado e significante há sempre algum nível de arbitrariedade, mesmo em se tratando de onomatopeias.

Sobre esses assuntos que retratam a tensão entre dois polos como arbitrariedade e iconicidade, em 1929, o psicólogo Wolfgang Köhler (em 1, abaixo), Fundador da Teoria da Gestalt<sup>1</sup>, propôs que a percepção do todo é fatalmente maior que a soma de suas partes. Ele estudava figuras complexas como em 2.

Perceba que as figuras em 2 são formadas interiormente por círculos. Mas a arrumação dos círculos forma um todo que pende para uma forma não circular, com ângulos. Então os círculos formavam quadrados. Köhler verificava que havia características da forma de fora que não estavam lá nos elementos primitivos, nos círculos, mas que apareciam quando olhávamos para o objeto complexo. Veja logo a primeira figura em 2. Trata-se de um quadrado formado por uma matriz 4x4 de círculos. A proximidade regular entre os círculos e a forma como eles estão alinhados, faz surgir a percepção forte de quadrado, uma figura geométrica essencial, que não está na soma dos círculos um a um. Vejam também a terceira forma mais baixa na primeira coluna. De novo surge a percepção de um quadrado, mas o que existe é a falta de quadrado já que a forma vaza por um quadrante de cada um dos 4 círculos alinhados. Preste atenção no quadrado. Ele não tem uma linha fechando o perímetro, mas a impressão dele, na ausência de delimitação, surge mais forte do que a impressão dos círculos que o compõem na base. Esta impressão do todo maior do que as partes se chama a Gestalt da forma.

Esta pesquisa era muito importante porque a Gestalt se dava conta, naquele momento do início do século XX, que havia ilusões sensoriais ou seja, percebíamos coisas que não estavam nos dados, e que todos os sentidos concorrerem para solidificar o entendimento que o homem teria do mundo, muitas vezes uma **impressão ilusória**. Além das ilusões visuais, Köhler estudou também ilusões auditivas. A hipótese era a de que o som de um nome percebido pelos ouvidos se comprometeria com uma expectativa de forma ou função dos objetos. Ou seja, a nomeação dos objetos na Figura 3 estaria a serviço de leis sensoriais.

Köhler então realizou um célebre experimento na Ilha de Tenerife (cujos participantes falavam principalmente espanhol). Neste experimento Köhler mostrava aos participantes uma foto de duas figuras (como as que estão na Fig 3). Köhler perguntava aos sujeitos qual se chamava “takete” e qual seria “baluba”. Curiosamente, os resultados foram extremamente consistentes entre as pessoas – a maioria dos participantes do teste atribuiu o nome “takete” à forma irregular e estrelada e “baluba” à forma ameboide arredondada.



Figura 1: Wolfgang Kohler, Fundador da Teoria da Gestalt; 2. As Leis da Gestalt; 3. os estímulos visuais que usou em 1929.

<sup>1</sup> A psicologia da Gestalt é uma escola de pensamento que analisa a mente e o comportamento humano como um todo. Ao tentar entender o mundo ao nosso redor, a psicologia da Gestalt sugere que não nos concentramos simplesmente em cada pequeno componente. Em vez disso, nossas mentes tendem a perceber os objetos como elementos de sistemas mais complexos. Assim, a crença central na psicologia da Gestalt é o holismo, ou que o todo é maior que a soma de suas partes. Esta escola de psicologia desempenhou um papel importante no desenvolvimento moderno do estudo da sensação e percepção humana.

Mais de meio século depois, em 2001, um experimento quase idêntico foi conduzido pelo neurocientista indiano radicado na Inglaterra, Vilayanur Ramachandran (Fig 4), e o matemático americano Edward Hubbard,

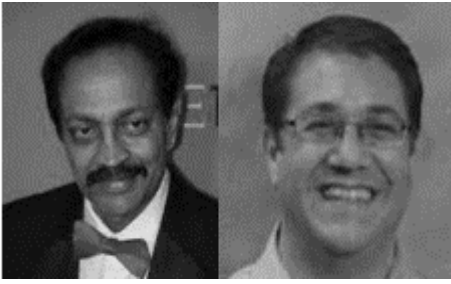


Figura 4: Ramachandran e Hubbard

que estudavam sinestesia<sup>2</sup> – usando os nomes “kiki” e “buba” em vez de “takete” e “baluba”. Ao usar estudantes universitários americanos e falantes de tâmil na Índia como sujeitos, os dois descobriram que 95-98%, independentemente do país, atribuíram o nome “kiki” à forma irregular e “buba” à forma arredondada. Então, quais são as implicações deste achado para a linguagem?

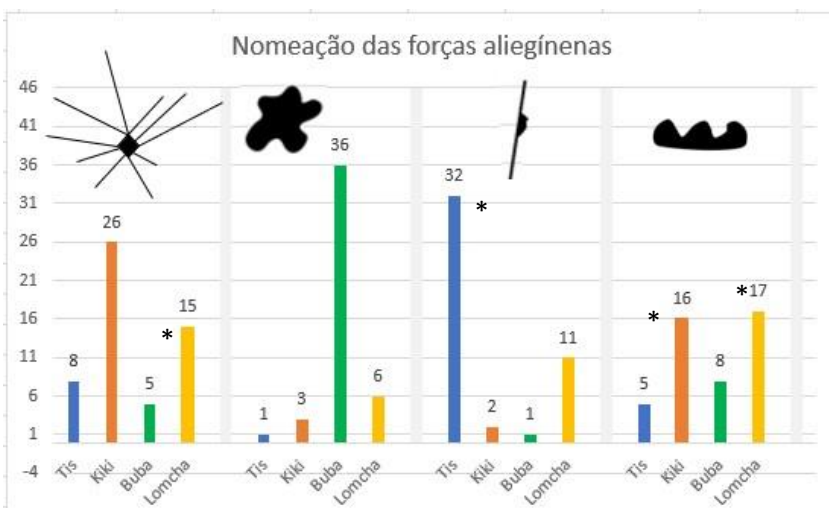
<sup>2</sup>Sinestesia: quando dois sentidos se correlacionam, por exemplo a audição do som fininho de fonemas como /i/ e o biquinho dos lábios para pronunciá-lo ou ainda correlações mais idiossincráticas como uma certa cor (visão) e um certo fonema (audição).

### Mapeamentos Sinestésicos

O famoso “Efeito Buba-Kiki” que ressalta a capacidade de parear nomes e objetos através da **iconicidade** nasceu do experimento original (de Köhler) e dos subsequentes feitos desde então. O Buba-Kiki sugere que a nomeação de objetos (quaisquer que sejam esses objetos) não seria totalmente arbitrária. Em vez disso, os nomes poderiam ser derivados a partir de alguma outra ordenação, como os atributos físicos dos objetos ou a partir da forma do gesto oral que fazemos para pronunciar as palavras ou ainda a partir da semelhança de conteúdo com outra palavra que conhecemos. Por exemplo, no caso do experimento, os participantes podem estar mais inclinados a atribuir o nome “buba” à forma arredondada porque, quando falado, a pronúncia desse nome requer uma boca mais arredondada. Da mesma forma, o som K em “kiki” é mais apertado na boca – mais irregular. **Mas olhando estas correspondências estamos apenas arranhando a superfície do problema.** As conexões traçadas entre a condição neurológica da sinestesia e o Efeito Buba-Kiki são conexões bastante ocasionais. Não são estratégias linguísticas. De fato, o efeito sinestésico pode ser melhor descrito como sendo representativo de “cascatas de mapeamentos sinestésicos” no cérebro, de forma que um sentido sempre pode estabelecer uma conexão subjacente com outro.

A arbitrariedade, na realidade, está na base da cognição de linguagem, mas é sempre bom testarmos diferentes tarefas para sentirmos quando a iconicidade se manifesta e quando a arbitrariedade é *default*. Assim propusemos este teste para uma turma de Fundamentos da Linguística. Eles deveriam parear 4 figuras novas com nomes novos. Será que houve concordância entre cerca de 50 alunos? Vejam o Gráfico 1:

Gráfico 1: Pareamento figura /palavra



**Resumo Estatístico : caso Estrela visto pela ANOVA**  
**Todo p abaixo de 0,05 é significativo**

**Fator Principal**  
 Forma\*Nome F(9,512) = 21.9 p<0.000001 SS=27.40  
 Comparação par a par  
 PAIRWISE COMPARISONS [Q=TukeyHSD: \*=p<0.05  
 \*\*=p<0.01]

**Resultados que mostram a arbitrariedade**  
 [varetas\_buba]vs[vareta\_lomcha] t(64)=0.63 p<0.5306  
 [varetas\_lomcha]vs[vareta\_tis] t(64)=0.33 p<0.7459  
 [varetas\_buba]vs[ameba\_buba] t(64)=3.80 p<0.385

---

**Resultados que mostram a iconicidade**  
 [varetas\_buba]vs[estrela\_kiki] t(64)=2.13 p<0.0371  
 [varetas\_lomcha]vs[varetas\_kiki] t(64)=2.79 p<0.0069  
 [varetas\_tis]vs[varetas\_kiki] t(64)=2.45 p<0.0171

**Conclusão do Experimento 1:** Houve muita coincidência entre os alunos. Diante de formas novas na tarefa implícita de criação de um nome ou criação parcial, quando existe a atitude de **nomeação**, a **estratégia da iconicidade** aparece forte e nos faz relacionar nome-conteúdo por aspectos sinestésicos, como demonstra o experimento que fizemos com uma grande concordância entre as 46 pessoas da turma, especialmente nas três primeiras formas. A forma 4 é um pouco dúbia entre fina e grossa e por isso os resultados menos conclusivos. Contudo, diante de um nome pré-existente (caso do bebê que é imerso em um mundo cheio de nomes já existentes), a atitude é o **acatamento da arbitrariedade**.